

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**FABIULA GRAHL**

**GRUPOS EDUCATIVOS NA ATENÇÃO BÁSICA:  
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA DE 2009 A 2018.**

**CHAPECÓ**

**2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DIVISÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

**GRUPOS EDUCATIVOS NA ATENÇÃO BÁSICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE  
LITERATURA DE 2009 A 2018**

**FABIULA GRAHL**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para a obtenção do título de Especialista em Saúde Coletiva e aprovado pelo curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Apresentando a Comissão Examinadora integrada pelos Professores:

Assinatura manuscrita de Maíra Rossetto em tinta azul.

Maíra Rossetto

Presidente

Assinatura manuscrita de Agnes de Fátima Pereira Cruvinel em tinta preta.

Prof. Dra. Agnes de Fátima Pereira Cruvinel

Assinatura manuscrita de Joanna d'Arc Lyra Batista em tinta azul.

Profª Dra. Joanna d'Arc Lyra Batista

**GRUPOS EDUCATIVOS NA ATENÇÃO BÁSICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA DE 2009 A 2018.**

**EDUCATIONAL GROUPS IN PRIMARY CARE: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW FROM 2009 TO 2018**

**GRUPOS EDUCATIVOS EN ATENCIÓN PRIMARIA: REVISIÓN INTEGRADORA DE LA LITERATURA DE 2009 A 2018**

**RESUMO**

Objetivou analisar a produção científica brasileira referente ao trabalho em grupos educativos realizados na Atenção Básica entre 2009 e 2018, destacando-se potencialidades e dificuldades encontradas pelos profissionais e contribuições dos grupos a partir da implementação do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica. Trata-se de uma Revisão Integrativa de Literatura cuja busca ocorreu na Biblioteca Virtual em Saúde a partir da combinação de nove palavras-chave em oito cruzamentos, resultando em 220 estudos. Dezoito estudos foram selecionados, a maioria utilizou metodologia qualitativa e abordou profissionais de saúde. Quanto ao local de publicação, a região brasileira com maior contribuição foi nordeste, sendo norte e centro-oeste pouco exploradas. O periódico com maior contribuição foi Ciência e Saúde Coletiva. As potencialidades foram: troca de experiência entre usuários; realização por equipe multiprofissional; vínculo entre profissional e usuário; utilização de espaços da comunidade. Como dificuldades destacam-se: estrutura inadequada; baixa adesão de profissionais e usuários; falta de compreensão da gestão; falta de encaminhamento formal, periodicidade, cronograma e planejamento de ações. Quanto ao Núcleo Ampliado de Saúde da Família, foi avaliado seu trabalho na Atenção Básica e a parceria com as Equipes de Saúde da Família. O trabalho em grupos na Atenção Básica traz inúmeras potencialidades e dificuldades, sendo necessário que os profissionais estejam aptos a lidar com tais percalços. Percebeu-se que onde ocorre trabalho multiprofissional bons resultados são colhidos, para tanto, é necessário planejamento conjunto, partindo das necessidades da população.

Palavras-chave: Educação em saúde. Atenção primária à saúde. Estrutura de grupo. Adesão do paciente. Promoção da Saúde.

**ABSTRACT**

The objective was to analyze the Brazilian scientific production regarding the work in educational groups carried out in Primary Care between 2009 and 2018, highlighting the

potential and difficulties encountered by professionals and the contributions of the groups from the implementation of the Extended Nucleus of Family Health and Primary Care. This is an Integrative Literature Review that was searched in the Virtual Health Library based on the combination of nine keywords in eight crossings, resulting in 220 studies. Eighteen studies were selected, most used a qualitative approach and addressed health professionals. As for the place of publication, the Brazilian region with the largest contribution was the Northeast, with little explored in the North and Center-West. The journal with the largest contribution was *Ciência e Saúde Coletiva*. The potential was: exchange of experience between users; performance by a multidisciplinary team; link between professional and user; use of community spaces. As difficulties, the following stand out: inadequate structure; low adhesion of professionals and users; lack of understanding of management; lack of formal referral, periodicity, schedule and action planning. As for the Extended Family Health Center, its work and the practice of the speech therapist in the team were evaluated. Working in groups in Primary Care brings many potentials and difficulties, and it is necessary that professionals are able to deal with such obstacles. It was noticed that where multiprofessional work takes place, good results are obtained, therefore, joint planning is necessary, based on the needs of the population.

Keywords: Health Education. Primary Health Care. Group Structure. Patient Compliance. Health Promotion.

## **RESUMEN**

El objetivo fue analizar la producción científica brasileña sobre el trabajo en grupos educativos realizado en Atención Primaria entre 2009 y 2018, destacando las potencialidades y dificultades encontradas por los profesionales y aportes de los grupos desde la implementación de la Salud de la Familia Extendida y Centro de Atención Primaria. Se trata de una Revista Integrativa de Literatura cuya búsqueda se realizó en la Biblioteca Virtual en Salud a partir de la combinación de nueve palabras clave en ocho cruces, dando como resultado 220 estudios. Se seleccionaron dieciocho estudios, la mayoría con enfoque cualitativo y dirigidos a profesionales de la salud. En cuanto al lugar de publicación, la región brasileña con mayor contribución fue el Nordeste, con poco explorado en el Norte y Centro-Oeste. La revista con mayor contribución fue *Ciência e Saúde Coletiva*. El potencial era: intercambio de experiencias entre usuarios; actuación de un equipo multidisciplinario; vínculo entre profesional y usuario; uso de espacios comunitarios. Como dificultades, se destacan las siguientes: estructura inadecuada; baja adhesión de profesionales y usuarios; falta de comprensión de la gestión; falta de derivación formal,

periodicidad, cronograma y planificación de acciones. En cuanto al Centro de Salud de la Familia Extendida, se evaluó su trabajo y la práctica del logopeda en el equipo. Trabajar en grupo en Atención Primaria conlleva muchas potencialidades y dificultades, y es necesario que los profesionales sean capaces de afrontar tales obstáculos. Se notó que donde se realiza trabajo multiprofesional se obtienen buenos resultados, por lo que es necesaria una planificación conjunta, en función de las necesidades de la población.

Palabras clave: Educación en Salud. Atención Primaria de Salud. Estructura de Grupo. Cooperación del Paciente. Promoción de la Salud.

## 1 INTRODUÇÃO

A Atenção Básica (AB) é a principal porta de entrada do usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) na Rede de Atenção à Saúde (RAS). Conforme descrito na nova Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), a AB constitui-se como “o conjunto de ações de saúde individuais, familiares e coletivas que envolvem promoção, prevenção, proteção, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos, cuidados paliativos e vigilância em saúde”, sendo estas ações desenvolvidas por equipe multiprofissional e direcionadas à população sob sua responsabilidade (BRASIL, 2017).

Na AB o indivíduo é visto em sua singularidade e âmbito sociocultural a fim de se conseguir a atenção integral. Neste nível de atenção busca-se planejar e implementar ações visando a promoção e proteção da saúde das pessoas, a prevenção de agravos, doenças e riscos (BRASIL, 2017). A Carta de Ottawa (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1986) descreve a promoção da saúde como o “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”.

Neste contexto, a Equipe de Saúde da Família (eqSF) é tida como a principal estratégia de atenção à saúde com intuito de reorganizar a AB no Brasil, conforme determina o SUS. É vista como uma estratégia para expandir, qualificar e consolidar a AB já que favorece a reorganização do processo de trabalho ampliando o potencial de resolutividade o que impacta na situação de saúde da população tanto individual quanto coletivamente (BRASIL, 2017).

Nesta perspectiva e para ampliar a resolutividade aos principais problemas de saúde encontrados na AB, o Ministério da Saúde criou, em 2008, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) (BRASIL, 2014). O NASF-AB (Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica), assim chamado após publicação da nova PNAB, em 2017, constitui-se de

equipe multiprofissional composta por profissionais da saúde de diferentes categorias. Esta equipe complementa o serviço prestado pelas equipes atuantes na AB prestando suporte clínico, pedagógico e sanitário (BRASIL, 2017).

De acordo com a nova PNAB as ações educativas desenvolvidas devem ser sistematizadas para que interfiram no processo de saúde-doença da população, na construção da autonomia individual e coletiva e na promoção do autocuidado e procura por qualidade de vida pelos indivíduos (BRASIL, 2017). Várias ações educativas em saúde são desenvolvidas por meio de grupos, com a interação de sujeitos que possuam as mesmas características ou que possam recuperar-se por meio do mesmo cuidado em saúde.

Nesse sentido, os grupos de educação em saúde realizados na AB pelos profissionais da eqSF ou do NASF são fundamentais para a adequada atenção dos usuários. Com base no exposto e visto a importância do trabalho em grupos educativos realizado pelos diversos profissionais na AB, o trabalho de revisão integrativa objetivou analisar a produção científica brasileira referente ao trabalho em grupos educativos realizados na Atenção Básica no período de 2009 a 2018. A partir da caracterização das publicações, analisou-se as potencialidades e dificuldades encontradas pelos profissionais da Atenção Básica nas atividades em grupos educativos desenvolvidas; e, também, as contribuições dos grupos educativos a partir da implementação do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB).

## **2 METODOLOGIA**

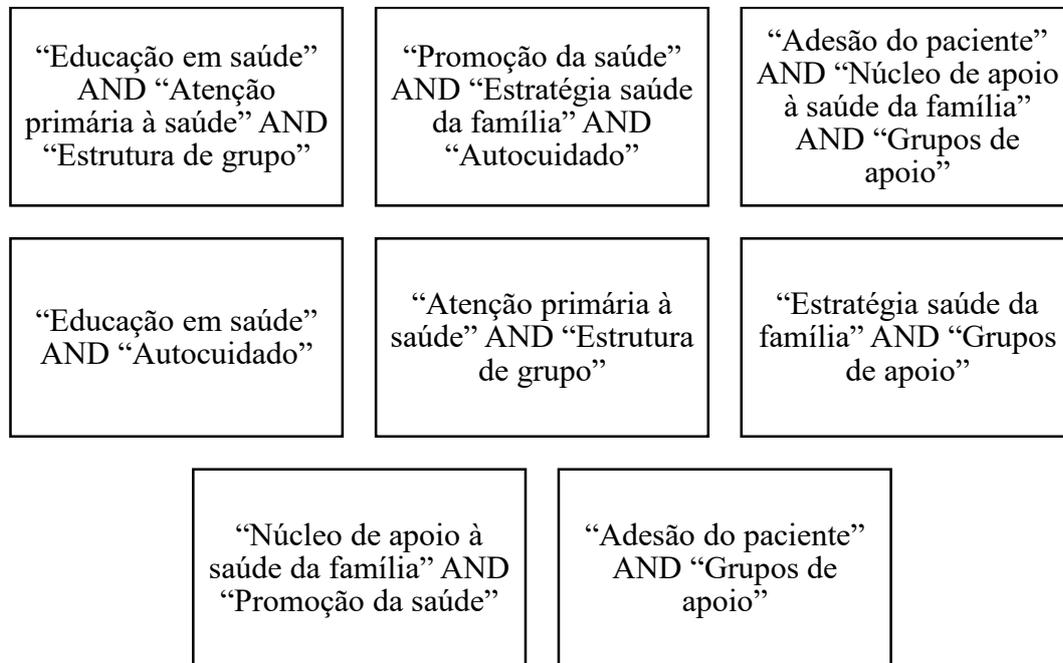
Este estudo foi realizado a partir de uma Revisão Integrativa. Para sua realização foram seguidas as etapas propostas por Cooper (1984), sendo: construção da questão norteadora; determinação da estratégia de busca na literatura; seleção dos estudos com base nos critérios de inclusão; leitura crítica, avaliação e classificação do conteúdo; análise e interpretação dos resultados.

A construção da questão norteadora do estudo elaborou como pergunta: Quais as características da produção científica brasileira referente ao trabalho em grupos educativos realizados na Atenção Básica no período de 2009 a 2018?

Após a delimitação da questão norteadora, ocorreu a busca nas bases de dados que compõem a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para realizar a busca dos estudos, foram combinadas nove palavras-chave, oito delas presentes nos Descritores em Ciências de Saúde (DeCS) sendo: Adesão do paciente, Atenção Primária à Saúde, Autocuidado, Educação em saúde, Estratégia Saúde da Família, Estrutura de grupo, Grupos de apoio, Núcleo de Apoio à Saúde da Família e Promoção da saúde. Apenas Núcleo de Apoio à Saúde da Família não é

considerada descritor ou termo no DeCS, sendo incluído visto sua relação com o tema do presente estudo. A Figura 1 apresenta os cruzamentos realizados a partir dos descritores.

Figura 1 – Cruzamentos realizados para busca de estudos na Biblioteca Virtual em Saúde



Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

Como critérios de inclusão adotou-se: trabalhos publicados no formato de artigos científicos originais, trabalhos resultantes de pesquisa acadêmica, trabalhos cujos objetivos guardem relação com o objeto deste estudo, trabalhos publicados no idioma português, no período de 2009 a 2018, trabalhos disponíveis *on-line* na forma completa e sem custos. Os critérios de exclusão foram: publicações duplicadas e/ou cujo resultado não apresentasse relação com o objetivo do presente estudo.

A busca foi realizada em 01/12/2019 com base nos oito cruzamentos realizados a partir dos descritores selecionados para o estudo. A busca resultou em 220 estudos que foram importados para o *software Endnote*.

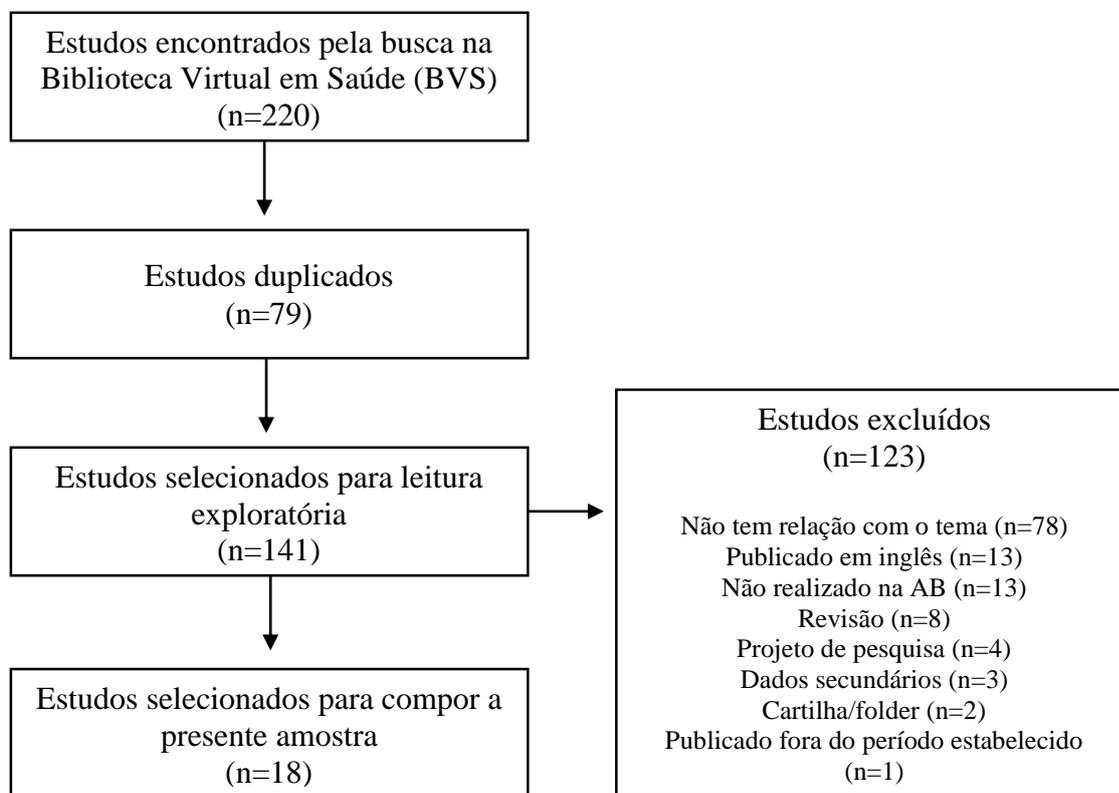
Para análise dos estudos, foram detalhadas em uma tabela algumas informações referentes às publicações, sendo: título, ano, autores, objetivo, aspectos metodológicos, tema, principais resultados e conclusões que serão detalhadas nos resultados e discussão.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca resultou em 220 estudos. Após exclusão dos 79 estudos duplicados restaram 141 estudos para leitura exploratória, sendo que destes, 123 foram excluídos e 18 foram

selecionados para compor a presente revisão. A Figura 2 demonstra o processo de construção da amostra.

Figura 2 – Processo de construção da amostra da presente revisão



Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

### 3.1 CARACTERÍSTICAS DAS PUBLICAÇÕES

Ao final da leitura crítica, avaliação e classificação do conteúdo, restaram 18 estudos para a análise e interpretação dos resultados. O Quadro 1 caracteriza tais estudos e o Quadro 2 aponta as principais contribuições de cada estudo a presente pesquisa.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos incluídos na amostra da presente revisão

<b>AUTOR E REVISTA/INSTITUIÇÃO</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>LOCAL DE CONDUÇÃO</b>	<b>TIPO DE ESTUDO</b>
MAIA e colaboradores Ciência Plural	2018	Pau dos Ferros - RN	Exploratório e descritivo, de natureza qualitativa
MEDEIROS e colaboradores Revista de pesquisa: Cuidado é Fundamental online	2012	Garuva - SC	Pesquisa qualitativa do tipo exploratório descritiva

MELO & CASTRO Ciência e Saúde Coletiva	2017	São Paulo - SP	Estudo descritivo, transversal
MELO, MELO & VILAR Ciência Plural	2018	Natal - RN	Estudo qualitativo exploratório
ONOCKO-CAMPOS e colaboradores Revista de Saúde Pública	2012	Campinas - SP	Estudo avaliativo, participativo, predominantemente qualitativo
PIMENTEL e colaboradores Ciência e Saúde Coletiva	2014	Belém - PA Maceió - AL Goiânia - GO São Paulo - SP Maringá - PR	Estudo qualitativo
ROCHA e colaboradores Revista Gaúcha de Enfermagem	2013	João Pessoa - PB	Pesquisa documental de caráter descritivo
SILVA e colaboradores Ciência Plural	2018	Maceió - AL	Estudo descritivo, qualitativo
SILVA e colaboradores Ciência Plural	2017	Assú - RN	Estudo descritivo, qualitativo
MAFFACCIOLLI & LOPES Ciência e Saúde Coletiva	2011	Porto Alegre - RS	Estudo exploratório com abordagem quanti- qualitativa
GONÇALVES e colaboradores Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	2015	São Paulo - SP	Estudo de caso
COSTA, SILVA & CARVALHO Ciência e Saúde Coletiva	2011	Recife - PE	Não Especifica
COSTA e colaboradores Ciência e Saúde Coletiva	2011	Teixeiras - MG	Estudo observacional de corte transversal de abordagem quanti – qualitativa
COSTA e colaboradores CoDAS	2013	Paraíba, Brasil	Estudo qualitativo
BRITO Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fiocruz	2016	João Pessoa - PB	Tese. Estudo de caso quali/quantitativo
CÁRDENAS Faculdade de Saúde Pública - USP	2013	Cidades de São Paulo no Brasil e Bogotá na Colômbia	Dissertação. Pesquisa qualitativa, descritiva com metodologia comparativa

SILVA UERJ - Centro Biomédico - Faculdade de Enfermagem	2010	Rio de Janeiro - RJ	Dissertação. Abordagem qualitativa com caráter descritivo
GOMES UERJ - Centro Biomédico - Faculdade de Enfermagem	2017	Rio de Janeiro - RJ	Dissertação - estudo de caso

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

Quadro 2 – Principais contribuições de cada estudo a presente pesquisa

<b>AUTOR E ANO</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES</b>	<b>CONCLUSÕES</b>
MAIA e colaboradores, 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educação em saúde vista como forma de evitar adoecimento.</li> <li>- Palestras realizadas nas comunidades.</li> <li>- Falta de cronograma organizado, baixa adesão e resistência de profissionais.</li> <li>- Interação entre profissionais e usuários e troca de experiências entre usuários.</li> </ul>	Ações não tem resultados esperados pois são realizadas em moldes tradicionais. Importante realizar atividades que possibilitem ao usuário pensar sobre seu meio social, sua vida e saúde.
MEDEIROS e colaboradores, 2012	Unidade de saúde e espaço do grupo considerados importantes para o controle das patologias.	Usuários não conseguem seguir recomendações todo o tempo. Deve haver incentivo da Equipe para o cuidado.
MELO & CASTRO, 2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O farmacêutico realiza educação em saúde voltada ao uso contínuo e armazenamento de medicamentos, riscos da automedicação, grupo de controle do tabagismo.</li> <li>- Ofertados 14 grupos, abrangendo 323 participantes.</li> </ul>	O farmacêutico tem papel relevante para minimizar problemas relacionados à medicamentos sendo fundamental a sua presença nas intervenções realizadas.
MELO, MELO & VILAR, 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupos operativos foram o 3º tipo mais identificado de redes.</li> <li>- Grupos considerados importantes por usuários e profissionais por promover melhora na patologia e facilitar a transmissão de informações, atingindo mais pessoas.</li> </ul>	Valorizar as redes sociais locais pode representar uma adesão maior às atividades coletivas voltadas à promoção da saúde e fortalecer as atividades oferecidas pela unidade de saúde.
ONOCKO-CAMPOS e colaboradores, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo e parceria com outros serviços são importantes.</li> <li>- Não há divulgação e encaminhamento e comunidade tem dificuldade em aderir aos grupos, devido cultura do assistencialismo;</li> </ul>	Mecanismos de fixação de profissionais na AB são necessários. Os ACS são indispensáveis na viabilização do trabalho territorial.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assistência à saúde é fator de impedimento à realização de ações de prevenção e promoção.</li> <li>- Grupos ficam sob responsabilidade do ACS.</li> </ul>	
PIMENTEL e colaboradores, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldades: falta de estrutura física e materiais, de conhecimento técnico e do nutricionista; baixa assiduidade do usuário ao grupo; falta de articulação da equipe.</li> <li>- Para superar: incluir nutricionista; trabalho multidisciplinar; articulação com escola; melhorias no espaço físico; treinamentos.</li> </ul>	A AB é um espaço privilegiado para ações de alimentação e nutrição. Cabe pensar na inserção de profissionais qualificados em número adequado para desenvolver ações de alimentação e nutrição.
ROCHA e colaboradores, 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Principais temas abordados: estresse e conflitos familiares.</li> <li>- Grupo é percebido como positivo pelos usuários.</li> </ul>	TCI permite construir relações que promovem apoio emocional, fortalecimento de vínculo e redução na exclusão social. Ferramenta de baixo custo com resultados positivos que precisam ser divulgados para fortalecer a estratégia.
SILVA e colaboradores, 2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenção com mulheres em grupo de atividade física.</li> <li>- Usuárias ativas, participantes e interessadas em evitar agravos das patologias e dispostas a colocar as orientações em prática.</li> </ul>	Demonstrada relevância de planejar as ações em equipe e também a humanização no SUS. A educação em saúde tem papel fundamental na formação de profissionais.
SILVA e colaboradores, 2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ações realizadas em campanhas do MS e no grupo hiperdia.</li> <li>- Falta de periodicidade das ações.</li> <li>- Atividades verticalizadas pautadas no modelo bancário.</li> </ul>	Metodologia utilizada não oportuniza a mudança de hábitos e contribui para que se perpetuem sujeitos passivos.
MAFFACCIOLLI & LOPES, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupos proporcionam esclarecimento, troca de experiências, autocuidado, prevenção, valorização da equipe pelos usuários, otimização do vínculo e horizontalização.</li> <li>- Grupos desenvolvidos por equipe multiprofissional.</li> <li>- Atividades grupais secundárias à atendimentos individuais e ações burocráticas.</li> <li>- Ações voltadas principalmente às práticas oficiais e atreladas à entrega de receitas ou medicamentos.</li> <li>- Espaço físico desfavorável.</li> </ul>	A maioria dos profissionais desenvolviam atividades de grupo. Os grupos podem caracterizar-se como oportunos espaços de esclarecimento e troca de conhecimento, com práticas voltadas ao autocuidado e à prevenção de agravos à saúde, promovendo reorientação do modelo de assistência à saúde vigente pois reinventa a relação de pacientes e profissionais.

<p>GONÇALVES e colaboradores, 2015</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Planejamento conjunto entre NASF e ESF essencial para ampliar o olhar e o escopo de ações e responsabilização sobre as atividades.</li> <li>- Atividades realizadas na UBS e outros locais do território e muitas vezes centralizados no NASF.</li> <li>- Grupos realizados prioritariamente à tarde por maior adesão da população, embora dificulte participação de profissionais do turno da manhã.</li> <li>- Dificuldades relacionadas à estrutura material e física; meios de transporte para deslocamento de profissionais.</li> </ul>	<p>NASF e ESF precisam trabalhar juntas, entretanto existem diferenças nos processos de trabalho destas equipes que influenciam esta parceria.</p>
<p>COSTA, SILVA &amp; CARVALHO, 2011</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de materiais educativos, insumos, manutenção de equipamentos, infraestrutura.</li> <li>- Ausência de diretrizes para ações de prevenção e controle contribuem para baixa execução.</li> <li>- Baixa adesão da equipe às atividades.</li> </ul>	<p>Adotar medidas adequadas pode reduzir o efeito socioeconômico que este agravo pode provocar, colaborando com a melhora da qualidade de vida dos usuários.</p>
<p>COSTA e colaboradores, 2011</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Baixa inserção das mães nas atividades e dificuldade dos profissionais em executá-las.</li> <li>- Mães relatam inexistência ou desconhecimento sobre as atividades.</li> <li>- Comunicação paternalista, atividades fundamentadas no modelo tradicional.</li> <li>- Falta de espaço físico e planejamento de ações para o grupo infantil; pouca parceria com outros setores.</li> </ul>	<p>Realizam-se poucas atividades de prevenção e promoção da saúde o que evidencia que em muitos momentos o Programa Saúde da Família (PSF) atua como suporte ao hospital. O espaço físico insuficiente dificulta a realização de ações de educação em saúde.</p>
<p>COSTA e colaboradores, 2013</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Principal recurso foi a palestra, sem efetiva participação do usuário.</li> <li>- Dificuldades em compartilhar ações com ESF, e na compreensão destas ações pela gestão.</li> <li>- Pouca realização de ações preventivas devido baixo número de equipes NASF e modelo intermunicipal.</li> <li>- Profissionais defendem prática preventiva e desenvolvem basicamente ações curativas individuais.</li> </ul>	<p>Percebe-se que os desafios apresentados repercutem nas atividades desenvolvidas, sendo estas pouco condizentes com o conceito de promoção da saúde e de atuação do NASF propostas pelo MS.</p>

	- Formação de grupos conjuntamente entre profissionais NASF.	
BRITO, 2016	- A maioria dos profissionais de nível superior está envolvido em alguma atividade de grupo na semana. - Enfermeiros e dentistas participam de mais atividades em grupo comparados aos médicos, o que pode ser devido à visão biologicista com foco no atendimento individual e curativo.	Pouco tempo dedicado à atividades de prevenção, promoção e educação em saúde. Maior envolvimento dos profissionais pode qualificar a assistência através da abordagem interprofissional. Isto deve ser trabalhado com os profissionais e estudantes.
CÁRDENAS, 2013	Grupos em São Paulo focados na doença ou ciclo da vida; em Bogotá em programas pré-estabelecidos. Temas baseados no interesse dos participantes, documentos técnicos, objetivo do grupo, diretrizes pré-estabelecidas pelas secretarias de saúde e com auxílio dos profissionais.	Temáticas estavam de acordo às características dos grupos. É fundamental que os temas tenham significado para os participantes e que visem resultados específicos à população envolvida.
SILVA, 2010	- Prática educativa não faz parte do processo de trabalho do médico. - Infraestrutura inadequada; falhas na divulgação e garantia de espaço na agenda dos profissionais; sobrecarga de trabalho; dificuldade no entrosamento da equipe. Não há planejamento formal. - Desinteresse do usuário/falta de compreensão sobre o modelo PSF. Desinteresse do profissional. - Vínculo entre profissional e usuário favorável ao desenvolvimento das ações. - Protagonismo do ACS. - Atividade ocorre em diversos locais. Violência é fator de risco para sua realização em espaços públicos. - Temas escolhidos conforme percepção da equipe sobre a comunidade.	Não é percebida responsabilização da equipe pelas atividades educativas. O enfermeiro se destaca na coordenação das atividades e o ACS as executa. Predomínio do modelo bancário.
GOMES, 2017	- Ausência da enfermagem nos grupos. Médicos encaminham usuários aos grupos. - Grupos ocorrem no auditório da unidade (espaço adequado) no horário marcado.	Os idosos avaliam positivamente os serviços ofertados na UBS. A equipe trabalha de forma reativa e não proativa, com ações baseadas no modelo biomédico.

	- 52% dos idosos entrevistados afirmaram participar de um ou mais grupos.	
--	---	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

A caracterização dos artigos publicados mostra que em relação a abordagem metodológica, 10 estudos tiveram abordagem qualitativa (55,4%); três quantiquantitativa (16,7%); dois estudos de caso (11,1%); um estudo transversal (5,6%); um estudo documental descritivo (5,6%); e um não especificou (5,6%). Quanto ao público alvo, 10 estudos abordaram profissionais da saúde (55,6%); quatro estudos abordaram profissionais e usuários do sistema de saúde (22,2%); dois estudos abordaram apenas usuários do sistema de saúde (11,1%); e dois estudos realizaram coleta documental (11,1%).

Em relação aos anos de publicação, foram encontrados artigos publicados entre os anos de 2010 e 2018, sendo sua distribuição semelhante ao longo dos anos, variando de 1 a 3 artigos ao ano. Quanto ao local de realização do estudo, percebeu-se que o estado com maior número de estudos encontrados foi São Paulo com quatro estudos (21,9%) sendo que em um deles também houve coleta de dados em Bogotá na Colômbia; seguido por Rio Grande do Norte com três estudos (16,7%); e Paraíba também com três estudos (16,7%); Rio de Janeiro com dois estudos (11,1%), Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Alagoas, Pernambuco e Minas Gerais com um estudo (5,6%) em cada estado. Ainda, um estudo foi realizado em 5 municípios, um representante de cada região do Brasil (5,6%).

O periódico que somou maior número de publicações foi Ciência e Saúde Coletiva com cinco estudos (27,5%), seguido de Ciência Plural com quatro estudos (22,2%). Revista de pesquisa: Cuidado é Fundamental online, Revista de Saúde Pública, Revista Gaúcha de Enfermagem, Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, e CoDAS (Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia) contribuíram com um estudo cada, correspondendo a 5,6% para cada periódico. Em relação às dissertações e a tese incluídas nesta revisão, duas foram vinculadas à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (11,1%); uma à Universidade de São Paulo (5,6%); e uma ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, da Fundação Oswaldo Cruz (5,6%).

Observando este perfil percebe-se que a maioria dos estudos utilizou abordagem qualitativa e abordou profissionais de saúde em sua coleta de dados. Em relação ao local de publicação, observa-se que a região brasileira que contribuiu com o maior número de estudos foi a nordeste, seguida da região sudeste, sendo norte e centro-oeste pouco explorados neste estudo. O periódico que trouxe maior contribuição foi Ciência e Saúde Coletiva, o que pode ser devido a este ser publicado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).

### 3.2 POTENCIALIDADES NA REALIZAÇÃO DE GRUPOS NA ATENÇÃO BÁSICA

Quando se trata das potencialidades do trabalho educativo em grupos, é possível perceber em quatro dos artigos estudados que os sujeitos entrevistados percebem o espaço do grupo como importante (MEDEIROS *et al.*, 2012; MELO; MELO; VILAR, 2018; ONOCKO-CAMPOS *et al.*, 2012; ROCHA *et al.*, 2013). O espaço grupal é valorizado também devido a troca de experiência que possibilita entre os usuários (MAFFACCIOLLI; LOPES, 2011; MAIA *et al.*, 2018).

Teixeira *et al.* (2017) que realizaram estudo acerca da percepção de profissionais da AB sobre grupos realizados com gestantes, perceberam que os profissionais entrevistados reconhecem a atividade como relevante e proveitosa já que possibilita a troca de informações entre profissionais e usuários e, além disso, é um espaço que permite o esclarecimento de dúvidas das gestantes. Luz *et al.* (2019) concluíram com seu estudo que atividades educativas em grupo favorecem a aproximação entre gestantes e profissionais e tais atividades promovem associar esclarecimentos e ações para prevenir agravos na gestação.

Em estudo realizado acerca do uso de plantas medicinais por usuários de determinada unidade de saúde concluiu-se que tanto as rodas de conversa quanto as visitas domiciliares realizadas a partir do referido projeto de educação em saúde favoreceram a formação de vínculo e troca de experiência entre profissionais e usuários (DANTAS *et al.*, 2019).

Friedrich *et al.* (2018) constataram que o vínculo formado entre profissionais e usuários em atividades de grupo auxiliou no fortalecimento do cuidado. Ainda para os mesmos autores o vínculo constituiu-se através da conversa, incentivo e convivência realizados no grupo e devido a isto foi considerado motivo de adesão e permanência no grupo. Foi citada ainda a troca de experiências que aconteceu no grupo e que com isto, os usuários puderam ampliar seu conhecimento sobre assuntos relacionados a saúde.

Outros pontos positivos destacados foram a realização das atividades de grupo por equipe multiprofissional (COSTA *et al.*, 2013; MAFFACCIOLLI; LOPES, 2011); o vínculo entre profissional e usuário como fator favorável ao desenvolvimento de ações educativas (SILVA, 2010); e a utilização de espaços da comunidade para desenvolver as ações (MAIA *et al.*, 2018). Cabe destacar que Silva (2010) observou que a violência no território estudado foi considerada fator de risco para a realização de atividades educativas em espaços da comunidade.

Para Diógenes *et al.* (2016) ficou claro nos discursos dos profissionais entrevistados que as atividades em grupo são de fundamental importância por promoverem, dentre outros aspectos, o conhecimento, relaxamento, socialização e fortalecimento de vínculo. Domingues,

Pinto e Pereira (2018) concluíram que formar vínculo é essencial para que os usuários expressem seus anseios.

Em estudo realizado por Almeida *et al.* (2017) acerca de atividade em grupo multiprofissional de educação em saúde com foco na melhora da alimentação dos participantes percebeu-se que muitos usuários relataram seus problemas de saúde como motivação para buscar ajuda na referida atividade. Citaram ainda, a falta de conhecimento sobre alimentação saudável e de habilidade para executar preparações mais saudáveis. Entretanto, o ponto positivo mais citado foi o fato de a atividade de grupo partir de uma dinâmica diferente das tradicionais consultas. Destaca-se que tal atividade foi desenvolvida na Sede da Associação de Moradores do bairro, devido a disponibilidade de estrutura para as oficinas culinárias.

Para Matias (2017, p. 96) “o grupo se caracteriza como um espaço terapêutico, local de ensino e aprendizado com o outro, espaço para reflexão do movimento, expressão e afirmação da vida”. O grupo acaba por ser um espaço que oportuniza atingir objetivos, transformando a vida e formando novas redes.

Bertoncello (2018) entende os grupos como ferramentas educativas com potencial terapêutico, portanto faz-se necessário entender tais ações como promotoras de saúde bem como olhar para aqueles que às desenvolvem otimizando tal estratégia.

Conforme afirmam Facchini, Tomasi e Dilélio (2018) nos últimos anos houve aumento na oferta de ações e de serviços decorrentes do significativo crescimento e da manutenção da cobertura da ESF, o que impactou positivamente na saúde das pessoas.

### 3.3 DIFICULDADES NA REALIZAÇÃO DE GRUPOS NA ATENÇÃO BÁSICA

Sobre as dificuldades encontradas para a realização de atividades em grupo, as relacionadas à estrutura física para desenvolvimento das ações foram citadas por sete publicações (SILVA, 2010; COSTA *et al.*, 2011; COSTA; SILVA; CARVALHO, 2011; GONÇALVES *et al.*, 2015; MAFFACCIOLLI; LOPES, 2011; PIMENTEL *et al.*, 2014; ONOCKO-CAMPOS *et al.*, 2012). Em contrapartida, Gomes (2017) observou na unidade estudada, estrutura adequada para a realização de atividades de grupo, sendo um auditório com espaço adequado e climatizado com cadeiras confortáveis. É importante ressaltar que a referida unidade é considerada mista, já que o Centro Municipal de Saúde e Estratégia Saúde da Família funcionam no mesmo prédio.

Gestantes entrevistadas por Domingues, Pinto e Pereira (2018) sugeriram, quando questionadas sobre o que poderia ser melhorado na atividade de grupo em que participaram, que houvesse melhoria do espaço físico, além de participação de seu cônjuge na atividade.

Conforme afirmam Melo *et al.* (2018) a expansão da ESF, criação dos NASF e ampliação de Equipes de Saúde Bucal (ESB) marcaram os anos 2000, porém, muitos problemas persistiram, dentre eles a inadequação de infraestrutura, o modelo assistencial, subfinanciamento e problemas relativos a atração de profissionais médicos para atuarem na AB.

Ainda sobre as dificuldades, três dos estudos avaliados citam a baixa adesão da equipe às atividades como uma dificuldade (SILVA, 2010; MAIA *et al.*, 2018; COSTA; SILVA; CARVALHO, 2011) e um estudo relata dificuldade de compreensão por parte da gestão em relação às atividades educativas em grupo (COSTA *et al.*, 2013). Brito (2016) percebeu que embora as atividades de prevenção, promoção e educação em saúde sejam indicadas pelos profissionais da equipe, há pouco tempo da jornada semanal de trabalho destinada à estas ações.

Em estudo realizado por Souza e Tyrrell (2016) com enfermeiros atuantes na AB também é evidenciado como dificuldade para a realização das atividades educativas em grupo a ausência de outros profissionais da equipe, ficando a atividade apenas a cargo do enfermeiro.

Matias (2017) afirma que o grupo como ferramenta de cuidado a ser utilizado na AB precisa ainda, ser melhor entendido e explorado pelos profissionais que atuam na ponta, bem como pelos gestores municipais, já que se mostra um dispositivo disparador do cuidado em rede e do cuidar de si.

Friedrich *et al.* (2018) concluíram com seu estudo que as atividades de grupo são uma ferramenta importante para a promoção da saúde na AB, impactando positivamente tanto nas condições clínicas, quanto nas condições sociais e afetivas dos usuários e por consequência melhorando sua qualidade de vida.

Fernandes, Souza e Rodrigues (2019) perceberam que o grupo se constitui como espaço de aprendizagem, de convivência e de socialização. Pode se constituir como importante ferramenta para inserção social e manutenção da saúde dos usuários refletindo em melhor qualidade de vida, repercutindo também nas famílias, amigos, trabalho e na sociedade como um todo.

Usuários participantes de atividades grupais entrevistados por Santos (2018) descreveram como fragilidade da ação a necessidade por atenção individualizada, relatando que a falta de informações individualizadas pode ter influenciado para o não alcance de seus objetivos. Em contrapartida, Matias (2017) percebeu com seu estudo que os profissionais prestavam atenção às individualidades dos usuários participantes das atividades de grupo e que esta atenção não descaracteriza o grupo como tal pois apesar do todo, as particularidades de cada indivíduo não podem ser desconsideradas.

Foram citados ainda problemas em relação à falta de periodicidade, cronograma e planejamento de ações organizados (SILVA *et al.*, 2017; MAIA *et al.*, 2018; COSTA *et al.*, 2011). Silva (2010) observou que não há planejamento formal para estas atividades na realidade estudada, que as ações são operacionalizadas predominantemente em reunião de equipe, sem planejamento prévio. Silva *et al.* (2018) concluíram com seu estudo que é de fundamental importância planejar em equipe as ações a serem desenvolvidas.

Outras dificuldades citadas foram em relação à divulgação e falta de encaminhamento formal (SILVA, 2010; ONOCKO-CAMPOS *et al.*, 2012; COSTA *et al.*, 2011), baixa adesão dos usuários às atividades propostas (ONOCKO-CAMPOS *et al.*, 2012; PIMENTEL *et al.*, 2014; COSTA *et al.*, 2011) e dois estudos citam problemas relacionados ao compartilhamento de ações entre a equipe (PIMENTEL *et al.*, 2014; COSTA *et al.*, 2013).

Secco (2018) percebeu que a equipe, especialmente as ACS, tem papel importante no despertar o interesse dos usuários em participar das atividades de grupo. Percebe-se que tais profissionais têm conseguido fortalecer o vínculo entre UBS e comunidade favorecendo o acesso aos serviços ofertados e que os usuários participantes do grupo estudado chegaram através de um convite feito por um membro da equipe de saúde. Portanto, é de fundamental importância o papel desempenhado pela equipe na divulgação de tais atividades.

Usuários entrevistados por Fernandes, Souza e Rodrigues (2019) citaram como caminho para chegar aos grupos os próprios profissionais da ESF, e vizinhos, amigos e parentes que já participavam previamente de tais atividades.

Os profissionais entrevistados por Teixeira *et al.* (2017) também citaram a baixa adesão das usuárias como fator que dificulta a realização de atividades em grupo para gestantes. Brito (2017) realizou estudo com mães de crianças menores de 2 anos e a maioria das entrevistadas afirmou não participar de grupos educativos na UBS e os motivos foram a não disponibilização de tais atividades, falta de tempo, falta de interesse, acesso e horário inadequado.

Em relação à fatores que facilitam ou dificultam a participação em grupo educativo de pré-natal em 4 UBS, embora citando mais fatores facilitadores, algumas das gestantes entrevistadas citaram o horário de realização das atividades educativas em grupo, bem como seu horário de trabalho como fatores que dificultam sua participação em tais ações (DORNELAS, 2016). Também Souza e Tyrrell (2016) tiveram relato de enfermeiro entrevistado pontuando o horário de funcionamento da UBS como um fator limitador já que restringe a oferta de grupos em horários distintos.

Em termos de adesão, Almeida *et al.* (2017) cita momentos de descontração e interação promovidos nos primeiros encontros do grupo como fator favorável à adesão e participação dos

usuários às atividades propostas. Cita-se ainda, no referido estudo, que os espaços de grupo possibilitam aperfeiçoamento dos envolvidos tanto pessoal quanto profissionalmente, através da valorização de saberes e da intervenção no processo saúde e doença de maneira criativa.

Matias (2017) percebeu com seu estudo que o que mantém o indivíduo no grupo é a construção da grupalidade, o encontrar-se com outros indivíduos e a construção de si próprio enquanto sujeito. Para os usuários que participam das atividades de grupo observadas no referido estudo, o grupo é considerado um compromisso firmado e não participar de tal atividade é motivo de pesar.

Em estudo realizado por Fernandes, Souza e Rodrigues (2019) foi constatado que grande parte dos usuários que participavam das atividades de grupo estavam desempregados ou eram aposentados, o que, acreditam os autores, pode ter favorecido sua participação em tais ações. Ainda de acordo com os mesmos autores o fato de a unidade de saúde ser próxima à moradia dos usuários também favoreceu sua adesão ao grupo. Outros fatores facilitadores citados no mesmo estudo foram horário da atividade compatível com sua rotina e processo de trabalho ajustável.

Constatou-se ainda que o vínculo estabelecido com o profissional, bem como sua relação horizontal com os usuários foi motivo que favoreceu a permanência destes indivíduos no grupo (FERNANDES; SOUZA; RODRIGUES, 2019).

Conforme descrito na Carta de Ottawa (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1986, p. 2) não cabe apenas ao setor saúde garantir pré-requisitos para a saúde, sendo que “a promoção da saúde demanda uma ação coordenada entre todas as partes envolvidas: governo, setor saúde e outros setores sociais e econômicos, organizações voluntárias e não-governamentais, autoridades locais, indústria e mídia”. Também é descrito que as pessoas devem se envolver enquanto indivíduos, famílias e comunidade neste processo.

Conforme observado por Fernandes, Souza e Rodrigues (2019) em seu estudo a maioria dos usuários procuraram o serviço de saúde devido a presença de alguma patologia e não para promoção e prevenção a saúde, sendo necessário investir mais em ações de educação em saúde baseadas na autonomia e romper o modelo de atenção centrado na doença.

Brito (2016) em estudo que abordou 342 trabalhadores de nível superior da ESF (médicos, cirurgiões dentistas e enfermeiros) percebeu que para os sujeitos entrevistados, estratégias de educação em saúde são utilizadas pela ESF para realizar promoção e prevenção da saúde o que se opõe ao modelo curativista e vai além do tratamento de doenças já instaladas. O autor também constatou que a maioria dos profissionais de nível superior participa de, no mínimo, uma atividade em grupo por semana, sendo que comparando categorias profissionais,

médicos participam de um número menor de ações em relação à enfermeiros e cirurgiões dentistas, o que pode ocorrer devido ao modelo biologicista adotado por parte dos trabalhadores médicos, que foca no atendimento individual e curativo.

Em estudo realizado por Souza e Tyrrell (2016) também foi evidenciado que o profissional médico tem maior dificuldade em participar de atividades educativas em grupo devido à grande demanda de atendimentos. Teixeira *et al.* (2017) também constataram que a demanda elevada gera um excesso de trabalho e acaba por dificultar a realização de atividades de grupo.

Também Maceno e Heidemann (2016) constataram que muitas vezes, atividades de grupo são desativadas devido à baixa adesão dos usuários, a demanda de outras atividades como consultas e visitas domiciliares e falta de profissionais. Concluem ainda que embora existam esforços para a inserção de atividades de promoção da saúde na rotina dos profissionais, predomina o foco nas atividades preventivas e curativas.

Para Batista *et al.* (2017, p. 269) “o trabalho compartilhado guarda forte relação com os processos educativos e formativos ofertados pelas instituições de ensino, que ainda são pautados no modelo biomédico, fragmentado e especializado”. É revelado ainda pelos profissionais entrevistados a pouca motivação para o trabalho e a fragilidade dos vínculos.

Teixeira *et al.* (2017) sugerem a reflexão de que embora existam dificuldades para a realização de atividades de grupo, os profissionais precisam direcionar seus esforços para a superação de tais dificuldades, utilizando-se de experiências anteriores, sejam positivas ou negativas, para aprender. Salientam ainda, que além de identificar os obstáculos, é necessário que os profissionais se comprometam na elaboração de soluções.

### 3.4 O USO DE GRUPOS PELO NASF

Em relação ao trabalho realizado pelo NASF, 4 estudos contemplam profissionais desta equipe em sua amostra, sendo que um deles tratou especificamente sobre o trabalho da equipe NASF na AB (GONÇALVES *et al.*, 2015) e um deles sobre a prática do profissional fonoaudiólogo na equipe NASF (COSTA *et al.*, 2013). Os outros dois estudos analisaram o todo do trabalho realizado pela equipe de NASF e de ESF (PIMENTEL *et al.*, 2014; MAIA *et al.*, 2018).

Gonçalves *et al.* (2015) perceberam que as equipes de NASF e ESF precisam trabalhar juntas, entretanto existem diferenças nos processos de trabalho destas equipes que influenciam esta parceria. Perceberam ainda que o planejamento conjunto entre NASF e ESF foi essencial

para ampliar o olhar dos profissionais e o escopo de ações realizadas e também a responsabilização dos membros da equipe sobre as atividades.

Para Almeida *et al.* (2017) incluir ações do NASF nas Unidades de Saúde é uma medida a ser incentivada. O autor cita que as UBS são espaços privilegiados para desenvolvimento de atividades de promoção da saúde que envolvam exercício físico, já que possibilita a população, muitas vezes suscetível ao sedentarismo e sem acesso a estas atividades, se beneficiar de exercício físico orientado.

Para Brocardo *et al.* (2018, p. 131) “compreender a dinâmica do funcionamento das equipes NASF na sua interface com as equipes AB pode ajudar na identificação de ações que contribuam para a operacionalização da atuação compartilhada entre as duas equipes”. Facchini, Tomasi e Dilélio (2018) afirmam que qualificar os processos de organização e ter gestão do cuidado realizada por equipe multiprofissional são fatores primordiais para que haja aumento na efetividade da ESF.

A equipe multiprofissional permite uma nova dimensão do trabalho em equipe, onde todos participam do cuidado ao indivíduo, cada um com sua especificidade o que contribui para a melhoria da qualidade das ações de saúde prestadas (ALMEIDA *et al.*, 2017).

Conforme dito em estudo que trata sobre a atuação de fisioterapeutas e fonoaudiólogos na AB, os profissionais especialistas devem atuar conforme os princípios da AB e não apenas de forma individual e reabilitadora. Os autores perceberam que com a atividade de grupo multiprofissional realizada houve redução no número de encaminhamentos médicos para o nível secundário de atenção, confirmando que o trabalho de especialistas com vistas a promoção da saúde na AB pode auxiliar na resolução de grande parte da demanda trazida pelos usuários. Os autores afirmam ainda que incluir especialistas não médicos na AB que atuem conforme preconizado para tal nível de atenção amplifica os benefícios, tanto para a comunidade quanto para a equipe e para o SUS (MIOLO *et al.*, 2018).

Profissionais participantes de estudo realizado por Batista *et al.* (2017) relataram maior dificuldade em realizar ações interdisciplinares e coletivas em comparação a atendimentos individuais centrados em um núcleo de saber único, porém, apesar desta dificuldade, acreditam que atividades coletivas e multiprofissionais são mais efetivas.

Matias (2017) percebeu que os grupos, na realidade estudada, são conduzidos por diferentes profissionais sendo dentistas, enfermeiros, educador físico, residente de enfermagem, técnico em saúde bucal e especialmente os ACS. Constatou-se que em todos os grupos observados o ACS teve destaque fortalecendo o vínculo entre usuário, profissionais e UBS e

mesmo sem a presença de profissionais de nível superior as atividades ocorrem sem intercorrências.

Fernandes, Souza e Rodrigues (2019) perceberam em seu estudo que entrevistou usuários participantes de atividades de grupo desenvolvidas por equipe NASF que houve, conforme relato dos usuários entrevistados, redução nas dores físicas, no uso de medicamentos o que acabou por resultar em melhoria da capacidade funcional e qualidade de vida de tais indivíduos.

Um dos estudos avaliados tratou sobre as temáticas e referencial teórico utilizados em grupos de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) realizados na Atenção Primária a Saúde (APS) das cidades de São Paulo (Brasil) e Bogotá (Colômbia). Foi entrevistado um total de 54 nutricionistas, sendo que em São Paulo, todas pertenciam ao NASF. Os grupos realizados em São Paulo eram focados na doença ou em ciclos da vida; já em Bogotá o foco era em três programas pré-estabelecidos (Você é Valioso, Ser Feliz e Agite-se) (CÁRDENAS, 2013). Cárdenas (2013) constatou que os temas abordados nos grupos avaliados estavam de acordo com as características de tais grupos e que é de fundamental importância que estes temas tenham significado para os participantes objetivando resultados específicos à população que se destina.

Em estudo realizado por Maceno e Heidemann (2016) foi percebido que os temas trabalhados nos grupos são selecionados a partir da realidade da unidade, sendo que profissionais de equipe multiprofissional participam do levantamento de temas próprios de suas áreas de atuação. Os entrevistados citaram ainda que se utilizam de roda de conversa para definição de assuntos e buscam temas que não tenham foco na patologia.

Secco (2018, p. 59) percebeu que os profissionais coordenadores da atividade de grupo observada parecem considerar as demandas da comunidade e dos participantes e disponibilizar diferentes alternativas de cuidado, sendo as temáticas abordadas sugestões dos próprios participantes. Para a mesma autora, “quando os usuários se sentem pertencentes, olhados e valorizados pela equipe a adesão ao grupo se torna mais efetiva”.

Maceno e Heidemann (2016) descrevem ainda a percepção sobre o desejo de mudança dos profissionais para uso de uma metodologia mais participativa, entretanto, muitos relatam se desestimular devido ao fato de os usuários não participarem ativamente das ações e não se responsabilizarem pela sua própria saúde e além disso, é necessário estimular tais usuários para a mudança.

Para Melo e Castro (2017), em estudo que tratou sobre a inserção do farmacêutico em Unidade Básica de Saúde, destacaram seu importante papel para minimizar problemas

relacionados à medicamentos, sendo sua presença, fundamental nas intervenções realizadas. Os autores constataram que nos dois anos estudados foram ofertados 14 grupos de educação em saúde, abrangendo 323 participantes no total, sendo estas ações voltadas ao uso contínuo de medicamentos por hipertensos e diabéticos, cuidados no armazenamento de medicamentos e riscos da automedicação. Além disso, o profissional também participou de grupo multidisciplinar de controle do tabagismo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o presente estudo foi possível perceber que o trabalho em grupos na atenção básica traz inúmeros benefícios, dentre eles o fortalecimento de vínculo entre equipe de saúde e usuários, a troca de experiências entre equipe de saúde e usuários e, também entre os próprios usuários, o fortalecimento de laços entre membros de uma mesma comunidade, um olhar ampliado sobre a saúde do indivíduo participante da atividade, especialmente quando tal atividade é conduzida por equipe multiprofissional

Porém, apesar de tantos benefícios, muitas dificuldades ainda permanecem, pôde ser observado neste estudo dificuldades referentes à estrutura física inadequada, resistência por parte da gestão e de alguns profissionais no desenvolvimento de atividades de grupo, sobrecarga de trabalho/demanda elevada que dificulta ou impossibilita a participação de alguns profissionais nas atividades, baixa adesão dos usuários às atividades propostas.

É preciso que os profissionais que atuam na AB estejam preparados para lidar com tais percalços. Acredita-se que este preparo deve começar em seu processo de formação acadêmica e continuar através de atividades de formação e educação continuada proporcionadas aos trabalhadores.

Em se tratando do trabalho em equipe multiprofissional, foi percebido que onde ocorre esta troca de saberes bons resultados são colhidos, para tanto, é necessário que haja planejamento conjunto, partindo das necessidades da população de cada território.

Pode-se inferir que as equipes de NASF tem muito a contribuir para a consolidação das atividades educativas em grupo realizadas na AB como ferramenta de trabalho, já que se trata de equipe multiprofissional cujo modelo de trabalho favorece a realização de tais ações. Infelizmente, o momento atual é de incertezas em relação a manutenção de tais equipes e cabe refletir sobre suas contribuições desde que foram implantadas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arianne Albuquerque Santos; SILVA, Sonaly Costa; ARAÚJO, Werle Thayane Costa de; VASCONCELOS, Sandra Mary Lima; MÉLO, Maria Tereza Soares de. Alimentação saudável na perspectiva multiprofissional: a experiência do projeto “Saúde no Prato” desenvolvido na Atenção Básica. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 7, n. 4, p. 109-116, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18378/rebes.v7i4.5180>. Disponível em: <http://www2.ebserh.gov.br/documents/14003/3163298/ARTIGO+SAUDE+NO+PRATO+-+04062018.pdf/bab1be1b-f812-4243-8c43-e9b9a8604c2f>. Acesso em: 11 set. 2020.

BATISTA, Cassia Beatriz; MACHADO, Rodrigo Martins da Costa; MACIEL, Fernanda Jorge; MORAIS, Mariana Cecília Nogueira; PAULA, Patrícia Pinto de. Trabalho do Núcleo de Apoio à Saúde da Família em um município de Minas Gerais. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 264-274, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n2/11.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BERTONCELLO, Paola. **Estratégia de grupo na Atenção Básica: o caso de uma unidade de saúde de Florianópolis (SC)**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência Multiprofissional em Saúde da Família) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Florianópolis, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica, nº 39. Núcleo de Apoio à Saúde da Família – Volume 1: Ferramentas para a gestão e para o trabalho cotidiano**. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde. 21 set. 2017. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436\\_22\\_09\\_2017.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html) Acesso em: 05 jul. 2020.

BRITO, Geraldo Eduardo Guedes de. **O processo de trabalho na Estratégia Saúde da Família: um estudo de caso**. 2016. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, 2018.

BRITO, Pollyana Boaventura. **Roteiro para implementação de grupo educativo de promoção da alimentação infantil saudável em Unidades Básicas de Saúde**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no SUS) – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, São Paulo. 2017.

BROCARD, Deniclara; ANDRADE, Carla Lourenço Tavares de; FAUSTO, Márcia Cristina Rodrigues; LIMA, Sheyla Maria Lemos. Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf): panorama nacional a partir de dados do PMAQ. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 130-144, 2018. DOI: 10.1590/0103-11042018S109. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe1/0103-1104-sdeb-42-spe01-0130.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CÁRDENAS, Alexandra Pava. **Educação Alimentar e Nutricional em nível de Atenção Primária à Saúde em São Paulo e Bogotá: cenário e temáticas**. 2013. Dissertação (Mestrado

em Nutrição em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo. 2013.

COOPER, H. M. **The integrative research review: a systematic approach.** Beverly Hills: Sage. 1984.

COSTA, Livia Sales da; ALCÂNTARA, Lília de Medeiros; ALVES, Rayanne Santos; LOPES, Ana Maria Cavalcante; SILVA, Antonia Oliveira; SÁ, Lenilde Duarte de. A prática do fonoaudiólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família em municípios paraibanos. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 381-387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/codas/v25n4/14.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

COSTA, Glauce Dias da; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; REIS, José Roberto; FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva Marques; REIS, Roberta Sena; FRANCESCHINI, Sylvia do Carmo Castro. Avaliação da atenção à saúde da criança no contexto da Saúde da Família no município de Teixeira, Minas Gerais (MG, Brasil). **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3229-3240, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/22.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2019.

COSTA, Juliana Martins Barbosa da Silva; SILVA, Maria Rejane Ferreira da; CARVALHO, Eduardo Freese de. Avaliação da implantação da atenção à hipertensão arterial pelas equipes de Saúde da Família do município do Recife (PE, Brasil). **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 623-633, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a26.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2020.

DANTAS, Lucas Richter de Oliveira; BARBOSA, Eveline Pereira; ARAÚJO, Isabel Cristina da Silva; DANTAS, Cláudio Roberto, PEREIRA, Wesley Lopes. Promoção do uso de plantas medicinais em grupo na Atenção Básica – relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 9, n. 3, p. 66-69, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18378/rebes.v9i3.6520>. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/6520/6351>. Acesso em: 11 set. 2020.

DIÓGENES, Juliana Maria Pereira; MOREIRA, Ana Ester Maria Melo; ELLERY, Ana Ecilda Lima; RIBEIRO, Marco Túlio Aguiar Mourão. Psicologia comunitária e Atenção Básica em Saúde: contribuições para abordagem com grupos. **Sanare**, Sobral, v. 15, n. 1, p. 32-38, 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/925>. Acesso em: 11 set. 2020.

DOMINGUES, Flávia; PINTO, Flávia Santos; PEREIRA, Valdina Marins. Grupo de gestantes na Atenção Básica: espaço para construção do conhecimento e experiências na gestação. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v. 20, n. 3, p. 150-154, 2018. DOI: 10.23925/1984-4840.2018v20i3a6Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/30648/pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

DORNELAS, Rodrigo Faria. **Participação de gestantes em grupos educativos do pré-natal na Atenção Básica.** 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Goiás, Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Goiânia, 2016.

FACCHINI, Luiz Augusto; TOMASI, Elaine; DILÉLIO, Alitéia Santiago. Qualidade da Atenção Primária à Saúde no Brasil: avanços, desafios e perspectivas. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 208-223, 2018. DOI: 10.1590/0103-11042018S114. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe1/0103-1104-sdeb-42-spe01-0208.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

FERNANDES, Elaine Toledo Pitanga; SOUZA, Melissa Nathielle de Lima; RODRIGUES, Suely Maria. Práticas de grupo do Núcleo de Apoio à Saúde da Família: perspectiva do usuário. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 1-18, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312019290115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v29n1/0103-7331-physis-29-01-e290115.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

FRIEDRICH, Thaís Lopes; PETERMANN, Xavéle Braatz; MIOLO, Silvana Basso; PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto. Motivações para práticas coletivas na Atenção Básica: percepção de usuários e profissionais. **Interface - comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 22, n. 65, p. 373-385, 2018. DOI: 10.1590/1807-57622016.0833. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v22n65/1807-5762-icse-1807-576220160833.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

GOMES, Andressa Fernandes David da Silva. **Limites e possibilidades para ações de promoção da saúde da pessoa idosa na Estratégia de Saúde da Família**: um estudo de caso. 2017. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro Biomédico, Faculdade de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2017.

GONÇALVES, Rita Maria de Abreu; LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal; CORDONE, Nicole Guimarães; BARROS, Juliana de Oliveira. Estudo do trabalho em Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 40, n. 131, p. 59-74, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0303-7657000078013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v40n131/0303-7657-rbso-40-131-59.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LUZ, Cintia Aparecida Souza; LIBÓRIO, Roberta; PALOMBO, Claudia Nery Teixeira; SILVA, Josielson Costa da. Núcleo de Apoio à Saúde da Família para gestante num grupo educativo: relato de experiência. **Cuidarte Enfermagem**, Catanduva, v. 13, n. 2, p. 199-203, 2019. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2019v2/199.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

MACENO, Priscila Rosa; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schuler Buss. Desvelando as ações dos enfermeiros nos grupos da Atenção Primária à Saúde. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 1-9, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016002140015>. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt\\_0104-0707-tce-25-04-2140015.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-2140015.pdf). Acesso em: 25 ago. 2020.

MAFFACCIOLLI, Rosana; LOPES, Marta Julia Marques. Os grupos na atenção básica de saúde de Porto Alegre: usos e modos de intervenção terapêutica. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16(Supl. 1), p. 973-982, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v16s1/a29v16s1.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MAIA, Joel Dácio de Souza; SILVA, Alexandre Bezerra; MELO, Ricardo Henrique Vieira de; RODRIGUES, Maísa Paulino; JÚNIOR, Antônio Medeiros. A educação em saúde para usuários hipertensos: percepções de profissionais da Estratégia Saúde da Família. **Ciência Plural**, Natal, v. 4, n. 1, p. 81-97, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/13634/9822>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MATIAS, Priscila da Silva. **Grupos de educação em saúde nas Unidades Básicas de Saúde: concepções de quem faz**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde) – Universidade Federal Fluminense, Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde, Niterói, 2017.

MEDEIROS, Elisabete do Amaral; SANTOS, Viviane Euzébia Pereira dos; SILVA, Márica Danielle de Souza e; SANTOS, Sara Soares dos; MATOS, Khésia Kelly Cardoso; CRUZ, Nayara Mendes. O cuidado na visão de portadores de hipertensão arterial. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 2306-2311, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750893024.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MELO, Daniela Oliveira de; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de. A contribuição do farmacêutico para a promoção do acesso e uso racional de medicamentos essenciais no SUS. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 235-244, 2017. DOI: 10.1590/1413-81232017221.16202015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n1/1413-8123-csc-22-01-0235.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2020.

MELO, Eduardo Alves; MENDONÇA, Maria Helena Magalhães de; OLIVEIRA, Jarbas Ribeiro de; ANDRADE, Gabriella Carrilho Lins de. Mudanças na Política Nacional de Atenção Básica: entre retrocessos e desafios. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 38-51, 2018. DOI: 10.1590/0103-11042018S103. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe1/0103-1104-sdeb-42-spe01-0038.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

MELO, Ricardo Henrique Vieira de; MELO, Mércia Lima de; VILAR, Rosana Lúcia Alves de. Análise de redes sociais: a reciprocidade entre usuários e profissionais na Estratégia Saúde da Família. **Ciência Plural**, Natal, v. 4, n. 1, p. 22-35, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/13626/9818>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MIOLO, Silvana Basso; SCHIAVO, Luciana Portella; PETERMANN, Xavéle Braatz; FEDOSSE, Elenir. Contribuições das especialidades não-médicas na Atenção Básica: cuidado transdisciplinar em grupos de saúde. **Saúde (Santa Maria)**, Santa Maria, v. 44, n. 2, p. 1-10, 2018. DOI: 10.5902/2236583430624. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/30624/pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; FERRER, Ana Luiza; CORRÊA, Carlos Roberto Silveira; MADUREIRA, Paulo Roberto de; GAMA, Carlos Alberto Pegolo da; DANTAS, Deivisson Vianna; NASCIMENTO, Roberta. Avaliação de estratégias inovadoras na organização da Atenção Primária à Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 43-50, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v46n1/2502.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Carta de Ottawa** - Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa, 1986. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf). Acesso em: 05 jul. 2020.

PIMENTEL, Viviane Rangel de Muros; SOUSA, Maria Fátima de; HAMANN, Edgar Merchán; MENDONÇA, Ana Valéria Machado. Alimentação e nutrição na Estratégia Saúde da Família em cinco municípios brasileiros. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 49-57, 2014. DOI: 10.1590/1413-81232014191.1901Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v19n1/1413-8123-csc-19-01-00049.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

ROCHA, Ianine Alves da; SÁ, Aralinda Nogueira Pinto de; BRAGA, Lucineide Alves Vieira; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira; DIAS, Maria Djair. Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 155-162, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n3/a20v34n3.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SANTOS, Bruna Zillesg Borges dos. **Avaliação da vivência de participantes em dois modelos de grupos educativos em alimentação e nutrição**. 2018. Dissertação (Mestrado em Nutrição em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2018.

SECCO, Ana Caroline. **Os grupos de promoção de saúde como dispositivos de cuidado na Atenção Básica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Santa Maria, 2018.

SILVA, Jaldeci Leite. **A prática educativa como expressão da prática profissional no contexto da Equipe de Saúde da Família no município do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro Biomédico, Faculdade de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Alexandre Bezerra; RODRIGUES, Maísa Paulino; OLIVEIRA, Amanda Paulino de; MELO, Ricardo Henrique Viera de. Prevenção do câncer cervicouterino: uma ação realizada pelos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família? **Ciência Plural**, Natal, v. 3, n. 2, p. 99-114, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/12926/8993>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SILVA, Santília Tavares Ribeiro de Castro e; MELO, Soniely Nunes de; TORRES, Bruna Rafaella Santos; ASSIS, Rayana Ribeiro Trajano de; BOMFIM, Ana Marlusia Alves; LUCENA, Amanda Rebeca Soares de; LUCENA, Marta Gerusa Soares de; LUCENA, Micaelly Soares de. Abordagem dinâmica das complicações do Diabetes Mellitus e da hipertensão arterial quando negligenciadas: um relato de experiência. **Ciência Plural**, Natal, v. 4, n. 1, p. 36-43, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/13757/9819>. Acesso em 01 dez. 2019.

SOUZA, Maria das Dores de; TYRRELL, Maria Antonieta Rubio. Direitos sexuais e reprodutivos na Atenção Básica: educação em saúde grupal sob a ótica da enfermeira. **Revista Iberoamericana de Educación e Investigación en Enfermería**, Madrid, v. 6, n. 3, p. 49-58, 2016. Disponível em: <https://www.enfermeria21.com/revistas/aladefe/articulo/213/direitos->

sexuais-e-reprodutivos-na-atencao-basica-educacao-em-saude-grupal-sob-a-otica-da-enfermeira/. Acesso em: 11 set. 2020.

TEIXEIRA, Joice Ane; SOARES, Marilu Correa; ESCOBAL, Ana Paula de Lima; GONÇALVES, Kamila Dias; MATOS, Greice Carvalho de; SILVA, Bruna Madruga Pires da; ROCHA, Katia da Silva. Percepção dos profissionais de saúde da Atenção Básica sobre os grupos de gestantes. **Saúde (Santa Maria)**, Santa Maria, v. 43, n. 1, p. 94-103, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/22413/pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.